



doi: 10.14211/regepe.v6i3.680

EMPREENDEDORISMO E VINCULAÇÃO SOCIAL: ANÁLISE A PARTIR DE ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS

Recebido: 18/04/2017

Aprovado: 25/10/2017

¹ **Victor Silva Correa**

RESUMO

A presente investigação insere-se na literatura sobre redes sociais, em particular, sobre a temática do acoplamento e desacoplamento no contexto religioso. Enquanto que acoplamento sugere agrupamentos dotados de fortes interações entre atores, desacoplamento, por sua vez, alude a estruturas cujas características estimulam membros a distanciarem de pessoas não imersas. Nesta literatura, prevalece duas noções fundamentais: a primeira é a de que o adequado equilíbrio entre acoplamento e desacoplamento seria considerado fundamental para o desenvolvimento de empreendimentos produtivos. A segunda, de particular relevância, é a de que apenas um tipo de empreendedor, o emigrante, consegue tal atributo. No entanto, isso pode não explicar tudo. Outros tipos de empreendedorismo, ainda hoje pouco explorados por pesquisadores da administração, poderiam se inserir aí. Este artigo, de natureza teórico-empírica, insere-se justamente neste contexto. Busca investigar a dinâmica do acoplamento e desacoplamento sociais a partir do contexto do empreendedorismo religioso. Ao fazer isto, projeta luz para novas reflexões teóricas, avançando na literatura sobre acoplamento e desacoplamento sociais.

Palavras-chave: Acoplamento; Desacoplamento; Empreendedorismo Religioso; Pastores; Igrejas Evangélicas.

¹ Doutorado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, (Brasil). Pesquisador do Núcleo em Empreendedorismo e Redes Empresariais (NUPERE/PUC Minas). E-mail: correavictor@oi.com.br

ENTREPRENEURSHIP AND SOCIAL ENGAGEMENT: ANALYSIS FROM RELIGIOUS ORGANIZATIONS

ABSTRACT

This research is part of the literature on social networks, in particular on the subject of coupling and uncoupling in the religious context. While coupling suggests groupings of strong interactions between actors, uncoupling refers to structures whose characteristics encourage members to distance not immersed people. In this literature, prevailing two fundamental concepts: the first is that the right balance between coupling and uncoupling would be considered fundamental to the development of productive enterprises. The second, of particular relevance, is that only one type of entrepreneur, the emigrant, can such an attribute. However, this cannot explain everything. Other types of entrepreneurship, still little explored by researchers from the administration, could enter there. This article, theoretical and empirical research, fits precisely in this context. Investigates the dynamics of social engagement and disengagement from the religious entrepreneurship context. By doing this, design light to new theoretical reflections, advancing in the literature on social engagement and uncoupling.

Keywords: Coupling; Decoupling; Religious Entrepreneurship; Pastors; Evangelical Churches.



1 INTRODUÇÃO

A literatura sobre redes sociais passou, sobretudo a partir da década de 1980, a ganhar destaque em investigações sobre o fenômeno empreendedor. Nesse contexto, empreendedores passaram a ser compreendidos como agentes capazes de criar, combinar e usufruir recursos econômicos e de outras naturezas somente disponíveis nas estruturas sociais em que se encontram imersos (Burt, 1992; Granovetter, 2005). Inserem-se, na essência desta temática, reflexões de um autor fundamental: Granovetter (1973, 1983, 2009). Ele edificou uma dupla de conceitos, a de acoplamento e desacoplamento sociais, de particular relevância para este estudo.

Acoplamento refere-se aos agrupamentos relacionais dotados de fortes interações entre os atores, capazes de fornecer-lhes, de maneira facilitada, acesso a recursos diferenciados (Granovetter, 2009). Já desacoplamento, por sua vez, sugere redes sociais cujas características distintivas fazem com que seus membros acabem por estarem parcialmente desassociados, isto é, desvinculados de indivíduos não imersos em suas estruturas sociais.

Granovetter (2009) salienta a importância de haver adequado equilíbrio entre acoplamento e desacoplamento para a criação de empreendimentos bem-sucedidos. Com efeito, enquanto o primeiro gera o que Granovetter (2009) denomina de “solidariedade horizontal”, a presença de relações de confiança, expressos em interações capazes de gerar reciprocidade, o segundo, por sua vez, sugere a possibilidade de afastamento, algo fundamental em determinadas situações. Por vezes, essa capacidade de relativo distanciamento e impessoalidade seria justamente a maneira que o empreendedor possuiria de evitar o que Granovetter (2009) cunhou de “solidariedade descontrolada”, ou seja, os abusos advindos de laços fortes (familiares, amigos, etc) capazes de incidir de maneira nociva sobre seu empreendimento.

Granovetter (2005, p.195) explica que "uma estratégia baseada na confiança e (também) na limitação das obrigações parece conveniente na criação de pequenas empresas prósperas". O autor encontrou tais atributos ao investigar empreendimentos criados por chineses imigrantes em vários países. Importantes constatações advieram do estudo desse tipo de empreendedorismo. Duas delas são de particular relevância. A primeira é a de que os “imigrantes possuem vantagens sobre os (empreendedores)

nativos em alcançar o equilíbrio correto entre [...] ‘acoplamento’ e ‘desacoplamento’” (Granovetter, 2009, p. 258, tradução nossa). Empreendedores chineses na própria China “podem sofrer com excessivas reivindicações” (Granovetter, 2009, p. 258, tradução nossa), mesmo lá onde a cultura local não estimula tal comportamento. A segunda é a de que somente quando se desacoplam, isto é, mudam de sua comunidade nativa e se inserem em um novo país é que empreendedores conseguem impedir a solidariedade descontrolada e obterem, adequado ajuste entre acoplamento e desacoplamento sociais (Granovetter, 2009). No entanto, isso pode não explicar tudo.

Evidências episódicas acenam para a plausibilidade de que empreendedores podem, eventualmente, não terem que emigrar para, somente em outro país, obterem apropriado ajuste do acoplamento e desacoplamento de suas estruturas sociais, tal como sustenta a literatura vigente. Nesse sentido, outros fatores, ainda inexplorados por pesquisadores da área, poderiam se inserir aí. Este artigo, de natureza teórico-empírica, insere-se justamente nesse contexto, objetivando investigar a dinâmica do acoplamento e desacoplamento sociais.

Assim, a presente pesquisa insere o estudo dos conceitos na investigação de um tipo particular de empreendedorismo: o religioso, o do pastor neopentecostal enquanto empreendedor, fenômeno este pouco investigado no Brasil. Para efeito deste trabalho, considera-se empreendedor aquele indivíduo que “cria uma empresa” (Gartner, 1989, p. 47).

Atualmente, para sobreviver e se destacar no contexto religioso brasileiro, pastores evangélicos passaram a atuar de maneira ativa, profissional e empreendedora (Mariano, 2013), procurando captar e manter adeptos, obter mais recursos, distinguindo suas igrejas das demais. Eles começaram a ser comprometidos, dedicados e militantes. Abandonaram modos improdutivos e bens impopulares, empregando técnicas mais eficazes, típicas da racionalidade empresarial (Mariano, 2008). Serafim e Feuerschütte (2015, p. 166) evidenciam um “crescimento de práticas empresariais [...] em muitas igrejas evangélicas”.

Duas premissas teóricas fundamentais orientam este trabalho. A primeira, P1, é a de que adequado equilíbrio entre acoplamento e desacoplamento é obtido apenas tal como sugerido pela literatura da área (Granovetter, 2009), por empreendedores emigrantes que se deslocaram de seus países de origem. A segunda, P2, por sua vez,



é totalmente inédita. Sugere que apropriado ajuste entre acoplamento e desacoplamento não é obtido apenas por empreendedores emigrantes. Nesse sentido, outros tipos de empreendedorismo, a exemplo do religioso, poderiam se inserir.

Para a investigação do fenômeno de interesse, será utilizada a vertente teórica das redes sociais, em particular, as reflexões de Granovetter (1973, 2009). Entretanto, é preciso mencionar a existência de algumas lacunas. A primeira se associa à própria ausência de estudos sobre acoplamento e desacoplamentos sociais. Observa-se que tal temática não vem merecendo atenção de pesquisadores brasileiros no campo da administração. Com efeito, em pesquisa realizada no Portal de Periódicos da Capes e no *Spell*, não foi encontrado trabalho que abordasse sobre o tema do acoplamento e desacoplamento sociais. A procura (acopla* and desaco*) foi feita nos títulos, assuntos e palavras-chave dos artigos.

A segunda lacuna, por sua vez, associa-se à cooptação entre redes e empreendedorismo religioso. Quando a literatura aborda a temática do empreendedorismo conexa a da religião, volta-se para como a secularização implica em recrudescimento concorrencial (ver, por exemplo: Finke, 1997; Frigerio, 2008; Gracino Junior, 2008; Iannaccone, 1995, 1997; Mariano, 2003, 2008; Pierucci, 1996, 1999, 2000, 2004, 2004b, 2006a, 2006b, 2008, 2011; Rabuske, Santos, Gonçalves, & Traub, 2012; Stark, 1999; Stark, Iannaccone, & Finke, 1996).

Já quando as redes são inseridas em pesquisas sobre empreendimentos religiosos, encontram-se desvinculadas às reflexões sobre acoplamento e desacoplamento sociais. Destinam-se, sobretudo, a analisar, de maneira comparativa, diferenças dos atributos imersos em constitutivos de certas comunidades protestantes e católicas (ver, por exemplo: Martes, & Rodriguez, 2004; Serafim, & Andion, 2010; Serafim, Martes, & Rodriguez, 2012).

Este artigo se encontra dividido em cinco seções além desta introdução. Na seção 2, apresenta-se o referencial teórico. Nele, reflete-se sobre redes sociais, acoplamento e desacoplamento. Em seguida, na seção 3, apresentam-se os procedimentos metodológicos empregados. Na seção 4, delineiam-se os resultados obtidos. Finalmente, na seção 5, descrevem-se as considerações finais, com destaque para as sugestões de novas pesquisas.



2 BASE TEÓRICA

2.1 Organizações Religiosas

Para crescerem em mercados religiosos competitivos, tal como evidente no Brasil (Pierucci, 2011), congregações religiosas devem se distinguir das demais, exigindo de seus adeptos um padrão de conduta, inclusive de natureza moral diferenciada. Nesse contexto, ganha relevância a temática do *strictness* (Stark, 1999; Stark et al., 1996).

Baseada no rigor sectário, o *strictness* caracteriza-se pela presença de doutrina fechada, moralidade distinta, condenação ao desvio de comportamento e relativo repúdio ao contexto exterior (Iannaccone, 1994). Tal rigidez, por sua vez, reforçaria entre eles, sentimentos de pertencimento, elevando seus níveis de participação e comprometimento. Disto resulta a partilha de diferentes benefícios, e maior produção e consumo coletivo de bens religiosos, como cultos, sermões, liturgia e louvor entusiásticos (Iannaccone, 1994; Mariano, 2008).

Com efeito, integrantes “de denominações rigorosas investem mais tempo e dinheiro para suas religiões, e são mais propensos a se descreverem como fortes em sua fé” (Iannaccone, 1994, p. 1205, tradução nossa). Isso se torna possível, sobretudo, porque o rigor e auto monitoramento exigidos aos membros mitigam problemas associados aos *free-riders* (Mariano, 2008; Stark, 1999).

Compreendidos como intrusos ou aproveitadores, os *free-riders* prejudicariam a ação coletiva por compartilharem dos benefícios sem contribuir (Finke, 1997; Iannaccone, 1994; Mariano, 2008). Os problemas surgem quando membros dos grupos recebem recursos na extensão dos esforços coletivos, ao invés de individuais. Uma vez que irão se beneficiar, caso contribuam ou não para a causa comum, surge um forte incentivo para minimizar esforços próprios, desfrutando do empenho alheio. Se um número representativo de membros cederem a tal tentação, a atividade coletiva tenderá a falhar (Finke, 1997; Iannaccone, 1994).

Grupos religiosos calcados no *strictness* parecem menos propensos à ocorrência deste fenômeno (Finke, 1997). Seus “membros potenciais são obrigados a escolher se irão participar ou não. O meio termo é eliminado, e, [contraditoriamente],



aqueles permanentes acham que seu bem-estar foi elevado” (Iannaccone, 1994, p. 1188, tradução nossa).

A capacidade de comprometimento, de demarcação e, ao mesmo tempo, de restrição à atuação de oportunistas pode ser observada em certas igrejas neopentecostais (ver, por exemplo: Ciscon-Evangelista, & Menandro, 2011; Hervieu-Léger, 2008; Mariano, 2008; Pierucci, 2006b; Pierucci, & Prandi, 1987; Prandi, 2008). Nelas, o fenômeno do *strictness* se manifestaria, a princípio, sob duas faces distintas e complementares.

A primeira se relacionaria às interações internas, quando indivíduos começam a integrar agrupamentos formados por fortes laços religiosos e passam a dedicar seus vínculos, sobretudo, a tais grupos (Ciscon-Evangelista, & Menandro, 2011). Suas “pertencas confessionais [que determinariam] suas redes de sociabilidade” (Hervieu-Léger, 2008, p. 52). A segunda, por sua vez, refere-se ao acesso aos laços exteriores (ver, por exemplo: Pierucci, 2006b; Pierucci, & Prandi, 1987; Prandi, 2008). Para isto, igrejas pentecostais e neopentecostais visam “indivíduos dispostos a romper com o próprio passado religioso” (Pierucci, 2006b, p. 114), “com a própria biografia” (Pierucci, & Prandi, 1987, p. 34).

Congregacionalistas assumem uma forma ativa e socialmente disruptiva, predatória e extrativista (Pierucci, 2005, 2006b), agrupando seguidores que elas “próprias ‘des(a)gregam’ de outras greis, por secessão ou abdução” (Pierucci, 2006b, p. 122).

Como reflexo, é possível visualizar que “não poucas vezes, a nova ‘família’ [evangélica] se sobressai como objeto de investimento de tempo e afeto em relação à natural” (Pacheco et al., 2007, p. 58). A aversão apresentada pelos filhos à dedicação religiosa de suas mães se demonstra comumente ineficiente em sua meta de desestimulá-las a frequentarem a igreja. Neste ambiente, é comum “maridos [serem] obrigados a aceitar, pais [serem] surpreendidos pelos novos referenciais de seus filhos e amigos se [ressentirem] por terem sido deixados de lado” (Pacheco et al., 2007, p. 58).

Evidências de como a “religião aproxima os iguais e os distancia dos outros” (Prandi, 2008, p. 159), de como ela exerce dupla função de “identificação social: interna, porque incorpora os que creem em determinada comunidade; externa, porque separa daqueles que não [a] pertence” (Hervieu-Léger, 2008, p. 27). Tal reflexão

guarda forte sintonia com proposições, advindas da área das redes sociais sobre os benefícios derivados do adequado equilíbrio entre relações próximas e distantes.

2.2 Acoplamento e Desacoplamento Sociais

Reflexões sobre o empreendedor inserido em estruturas remontam a autores como Hirschman (1958), Bohannon e Dalton (1962). No entanto, foi a partir de Granovetter (1973, 1983, 2009) que as proposições sobre a temática ganharam maior destaque. O autor construiu as bases de duas duplas de conceitos, a de laços fortes e fracos (Granovetter, 1973, 1983) por um lado, e a de acoplamento e desacoplamento sociais (Granovetter, 2009) por outro, ambas de particular relevância.

Os laços fortes seriam formados por relações cotidianas e de longa duração entre duas díades (Granovetter, 1973, 1983), fornecendo acesso facilitado a recursos como solidariedade, confiança e assistência mútua, que tornam tais relações peculiares. Já os laços fracos, por sua vez, seriam formados por relações pouco frequentes (Granovetter, 1983). Oriundos de diversos tipos de estruturas sociais, os laços fracos gerariam e distribuiriam recursos originais que ultrapassariam aqueles disponíveis nas estruturas de relacionamentos nas quais os empreendedores se encontram imersos (Granovetter, 1983).

Posteriormente, a partir da década de 1990, Granovetter avançou em suas proposições sobre laços sociais, tornando mais claros os diferentes atributos gerados por cada tipo de interação social. Faz isto ao criar dois conceitos fundamentais: acoplamento e desacoplamento sociais. Se por um lado o acoplamento sinalizaria a existência de estruturas de relacionamentos constituídas por fortes relações entre os membros e, conseqüentemente, maior coesão interna, o desacoplamento indicaria redes relativamente esparsas. Granovetter (2009) enfatiza a relevância de se existir um adequado ajuste entre acoplamento e desacoplamento.

De fato, ao passo que acoplamento gera “solidariedade horizontal”, isto é, a existência de laços de confiança, desacoplamento, por sua vez, possibilitaria ao empreendedor evitar a “solidariedade descontrolada”, os excessos advindos dos laços fortes (amigos pessoais, familiares). Granovetter (2005, p. 195) salienta que “uma estratégia baseada na confiança e na limitação das obrigações parece ser conveniente na criação de pequenas empresas prósperas”. Tal tema vem merecendo



recente atenção dos pesquisadores, embora não pareça ter chegado ao Brasil (Castilla, Hwang, Granovetter, & Granovetter, 2000; Li, Leung, Chen, & Luo, 2012; Luo, 2011; Stryjan, & Högskola, 2006).

Granovetter (2009) insere a reflexão sobre acoplamento e desacoplamento sociais ao observar a criação de pequenas empresas por populações de chineses imigrantes em vários países. Salieta o autor a habilidade de os minoritários grupos de emigrantes chineses conseguirem o adequado equilíbrio entre acoplamento e desacoplamento sociais. Identificados por mesma coletividade, delimitada pela combinação entre etnia e origem geográfica comuns, chineses reuniram esses importantes atributos. Com efeito, as fortes relações entre os chineses estimulariam, entre eles, o surgimento da solidariedade horizontal, criando relações de confiança, expressos em interações capazes de gerar reciprocidade. Ao mesmo tempo, os chineses estariam parcialmente desacoplados, desvinculados das populações estrangeiras receptoras, impedindo delas reivindicações capazes de bloquear a racionalidade de suas organizações.

Segundo Granovetter (2009), é somente quando se desacoplam de sua comunidade nativa e se inserem em novo país, é que os empreendedores conseguem impedir a solidariedade descontrolada. Veja o caso dos chineses. Parcialmente desacoplados das comunidades receptoras, eles conseguem impedir reivindicações não econômicas e atenuam nelas expectativas quanto a possíveis comportamentos de generosidade e bondade. Ao conservarem distinções étnico-geográficas, os chineses empreendedores conseguiram adotar conduta antissocial necessária ao desenvolvimento empreendedor.

A Figura 1 a seguir sequencia as reflexões, sintetizando as proposições teóricas e os autores de interesse.



Proposições	Autor de Interesse
Atividades empreendedoras bem-sucedidas exigem adequado equilíbrio entre acoplamento e desacoplamento;	(Granovetter, 2009)
Nível excessivo de acoplamento pode ser prejudicial a certos empreendimentos, assim como sua escassez;	
Empreendedorismo bem-sucedido exige relativo grau de fragmentação social;	
Adequado ajuste entre acoplamento e desacoplamento é obtido por empreendedores emigrantes identificados por mesma coletividade, sendo esta delimitada através da combinação de dois fatores: etnia e origem geográfica comum;	
Desacoplamento dos empreendedores às comunidades receptoras não implica ruptura de suas relações sociais e comerciais;	
Nível apropriado de acoplamento proporciona desenvolvimento da solidariedade horizontal;	
Nível apropriado de desacoplamento desestimula surgimento da solidariedade descontrolada;	
Desacoplamento evita a “solidariedade descontrolada”, o excesso de reivindicações de natureza social e não econômica;	
Empreendedores emigrantes possuem vantagens sobre os nativos em alcançar o equilíbrio correto entre acoplamento e desacoplamento;	
Empreendedores necessitam mover de seus países de origem para obterem adequado equilíbrio do acoplamento/desacoplamento sociais;	

Figura 1: Proposições sobre religião, *strictness* e redes, e autor de interesse.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2017.

3 METODOLOGIA

A *Academy of Management Journal* (2011) ressaltou, em 2011, o surgimento de uma nova era para as investigações qualitativas. Destacaram seus editores como seria importante “encorajar o uso de fontes de dados não tradicionais” (2011, p. 235). Tal é o caso do presente estudo, de cunho qualitativo (Bauer, 2002). A finalidade foi descritiva (Eisenhardt, 1989; Gil, 1999; Godoy, 1995; Ridder, Hoon, & McCandless, 2009; Soy, 1997; Yin, 2010). O método empregado foi o estudo de caso múltiplo (Yin, 2010). A coleta das evidências compreendeu dados de 19 pastores neopentecostais, dotados de três atributos distintos.

O primeiro atributo é: responsáveis pela criação de igrejas localizadas na região metropolitana de Belo Horizonte. O segundo atributo é convertidos, isto é, pessoas que tiveram outras religiões no passado, comum ao meio evangélico.



Salienta Rabuske et al. (2012, p. 260) como 70% da comunidade evangélica no Brasil é formada por convertidos oriundos de outras comunidades religiosas, principalmente a católica (Rabuske et al., 2012, p. 260). O terceiro atributo é: não ter promovidas mudanças geográficas, ou seja, deveriam ter se convertido e criado seus empreendimentos religiosos na mesma região em que nasceram. Os nomes dos pastores foram, por motivações éticas, modificados.

As definições dos casos e da unidade primária foram baseadas nos objetivos de pesquisa (Yin, 2010). Sua seleção (Gaskell, 2002) levou em consideração três aspectos básicos: i) técnica da bola de neve (Godoi, & Mattos, 2006); ii) acessibilidade; e iii) localização. Fundamentou-se, para cada entrevistado, a busca de evidências associadas ao acoplamento e desacoplamento de suas estruturas sociais. Para tanto, foi empregada a técnica da entrevista em profundidade. Realizada através de conversas guiadas, não rígidas (Yin, 2010), a técnica permitiu explorar atitudes e motivações dos pastores sobre atributos de interesse (Gaskell, 2002). Mais de 51 horas de entrevistas foram gravadas.

À análise dos dados foi empregada a estratégia da “generalização analítica” (Yin, 2010). A técnica indutiva específica se fundamentou na síntese cruzada dos dados (Yin, 2010). Útil aos estudos múltiplos, permitiu comparações entre casos. Para isto, empregou-se a técnica da análise de conteúdo (ver, por exemplo: Bardin, 1977; Bauer, 2002; Campos, 2004; Chizzotti, 2006; Godoy, 1995; Mozzato, & Grzybovski, 2011). A referida análise visa “obter, por procedimentos sistemáticos [...] de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam inferências de conhecimentos” (Bardin, 1977, p. 42). Foram empregados, como unidades de codificação, critérios teóricos e categoriais associados às temáticas do acoplamento e desacoplamento sociais.

Buscou-se isso através da categorização das entrevistas. Salientam Voss et al. (2002, p. 212, tradução nossa) como ela é “central para a eficiência da pesquisa. [Como é] importante tentar reduzir os dados em categorias”. Para tanto, foram empregados critérios flexíveis, definidos com base nos objetivos do estudo. As evidências que não se adequavam a algum deles foram categorizadas segundo tema e frequência de ocorrência. Da etapa de categorização dos dados, geraram-se três níveis hierárquicos.

O primeiro nível, mais amplo, comportou 10 rubricas. Foram elas: i) Antes da conversão; ii) Conversão; iii) Diversos; iv) Fiéis; v) Igreja; vi) Igreja-empresa; vii) Pastor; viii) Relacionamentos; ix) Religião x educação; e x) Trabalho. Os segundo e terceiro níveis, mais estreitos, 53 e 34, respectivamente (Figura 2). Cada frase ou parágrafo das entrevistas foi alocado em um registro, não excludente, formado pela combinação das rubricas dos três níveis hierárquicos. Um trecho poderia se inserir em mais de uma categoria. Foram gerados 2.085 registros, utilizados como referência para a comparação entre casos (Eisenhardt, 1989; Soy, 1997; Voss et al., 2002; Yin, 2010). Esta baseou-se no estabelecimento de divergências e de padrões análogos entre os pastores (Eisenhardt, 1989).

Categoria 1	Categoria 2	Categoria 3
A. Conversão	Comportamentos praticados	-
Conversão	Influência para a superação de limitações pessoais	-
Conversão	Como familiares/amigos reagiram	-
Conversão	Definição de conversão	-
Conversão	Experiência da conversão	-
Conversão	Influência de familiares/amigos para a conversão	-
Conversão	Influência para a conversão de familiares/amigos	-
Conversão	Motivo da conversão	-
Conversão	Motivo da conversão	Conversão como decisão utilitarista.
Conversão	Motivo da conversão	Conversão como decisão pessoal.
Conversão	O que mudou na vida	-
Conversão	Pela dor/amor	-
Conversão	Pessoas do mundo x convertidas	-
Diversos	Condições para a salvação	-
Diversos	Definição de "monte"	-
Diversos	Intervenção divina sobre o comportamento	-
Diversos	Pecado na concepção evangélica	-
Diversos	Concepção do termo "cristão"	-
Diversos	Vantagens de ser evangélico	-
Diversos	Vantagens do protestantismo	-
Fiéis	Fiéis que seguem o pastor, não a Deus	-
Igreja	Campanhas/votos/ofertas/dízimos	Campanhas.



Igreja	Campanhas/votos/ofertas/dízimos	Ofertas.
Igreja	Campanhas/votos/ofertas/dízimos	Diferenças entre votos e campanhas.
Igreja	Campanhas/votos/ofertas/dízimos	Dízimos.
Igreja	Campanhas/votos/ofertas/dízimos	Dízimo dobrado.
Igreja	Campanhas/votos/ofertas/dízimos	Fogueira Santa.
Igreja	Campanhas/votos/ofertas/dízimos	Teologia da prosperidade.
Igreja	Campanhas/votos/ofertas/dízimos	Votos.
Igreja	Criação/crescimento da igreja	-
Igreja	Criação/crescimento da igreja	Definição do nome da igreja.
Igreja	Criação/crescimento da igreja	Metas do(a) pastor/igreja.
Igreja	Criação/crescimento da igreja	Motivos para a criação.
Igreja	Criação/crescimento da igreja	Pessoas que ajudaram.
Igreja	Criação/crescimento da igreja	Táticas para aumentar número de fieis.
Igreja	Criação/crescimento da igreja	Trabalho de célula.
Igreja	Criação/crescimento da igreja	Unidades/filiais.
Igreja	<i>Free-riders</i>	Como evitar.
Igreja	<i>Free-riders</i>	Exemplo.
Igreja	Manifestação do diabo	-
Igreja	Igrejas como plataforma de autoajuda	-
Igreja	Milagres presenciados	-
Igreja	Serviços oferecidos pelas igrejas	-
Igreja	Usos/costumes/normas/rigor	-
Igreja/empresa	Ambição dos pastores pelo poder	-
Igreja/empresa	Ausência de parc./relac. entre igrejas evangélicas	-
Igreja/empresa	Comércio religioso	-
Igreja/empresa	Concorrência por fieis	-
Igreja/empresa	Concorrência por fieis	Briga entre pastores.
Igreja/empresa	Concorrência por fieis	"Dono da ovelha".
Igreja/empresa	Concorrência por fieis	Medo de perder fieis.
Igreja/empresa	Concorrência por fieis	"Racha" na igreja.
Igreja/empresa	Exploração financeira pelos pastores	-
Igreja/empresa	Visitas de fieis a outras igrejas	-
Igreja/empresa	Visitas de fieis a outras igrejas	Autorização do pastor.
Igreja/empresa	Visitas de fieis a outras igrejas	Punição.
Igreja/empresa	Igrejas como empresas	-
Igreja/empresa	Salário/rendimento do pastor	-

Igreja/empresa	Táticas para não se perder fieis	-
Pastor	Ativismo militante	-
Pastor	Diferenças entre pastores "sérios" e "não sérios"	-
Pastor	Condições socioeconômicas do pastor	-
Pastor	Exploração sexual pelos pastores	-
Pastor	Preconceito com os pastores	-
Pastor	Tornar-se pastor	"Chamado".
Pastor	Tornar-se pastor	O que mudou na vida.
Pastor	Tornar-se pastor	Por quê?
Pastor	Tornar-se pastor	Processo de formação.
Pastor	Tornar-se pastor	Quando?
Pastor	Tornar-se pastor	Recepção de familiares/amigos.
Relacion.	Acoplamento/desacoplamento	-
Relacion.	Afastamento dos laços anteriores à conversão	-
Relacion.	Afastamento pelos familiares/amigos	-
Relacion.	Controle/Coesão sociais	-
Relacion.	Criação de novos laços sociais após-conversão	-
Relacion.	Relações sustentadas anteriormente à conversão	-
Relacion.	Valoração das relações evangélicas	-
Relacion.	Relacionamento de ajuda-mútua	Entre fieis da mesma congregação.
Relacion.	Relacionamento de ajuda-mútua	Entre membros de outras igrejas/religiões.
Rel./Educ.	Religião x educação	-
Trabalho	Atividades profissionais exercidas	-
Trabalho	Influência da religião sobre escolha profissional	-

Figura 2: Categorias hierarquizadas de alocação das evidências.
Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

O processo de análise dos dados qualitativos deu-se em diferentes momentos. Quatro deles foram de destaque: i) ao escutar as entrevistas, após suas realizações, podendo avaliar manifestações dos pastores e identificar oportunidades, exploradas em encontros posteriores; ii) nas transcrições das entrevistas, quando foram feitas anotações adicionais; iii) na categorização das entrevistas; e iv) na descrição e análise dos dados.



Foram empregados três testes de caso: i) validade do constructo (Creswell, 2007; Eisenhardt, 1989; Godoy, 2006; Leonard-Barton, 1990; Meyer, 2001; Soy, 1997; Voss et al., 2002; Yin, 2010); ii) validade externa (Leonard-Barton, 1990; Soy, 1997; Voss et al., 2002; Yin, 2010); e iii) confiabilidade (Chizzotti, 2006; Godoy, 2006; Meyer, 2001; Soy, 1997; Voss et al., 2002; Yin, 2010). O primeiro permitiu verificar que o paradigma teórico correspondeu à observação (Meyer, 2001). Duas táticas foram aí utilizadas: i) múltiplas fontes de informações (Eisenhardt, 1989; Leonard-Barton, 1990; Meyer, 2001; Voss et al., 2002; Yin, 2010); e ii) encadeamento de evidências e a apresentação do relatório em conformidade com dados obtidos (Soy, 1997; Voss et al., 2002; Yin 2010).

A validade externa, isto é, os domínios sob os quais as descobertas puderam ser generalizadas (Yin, 2010), foi empregada através da utilização de casos múltiplos (Leonard-Barton, 1990; Soy, 1997; Voss et al., 2002; Yin, 2010), da lógica de replicação literal (Yin, 2010) e da generalização analítica (Yin, 2010). Finalmente, a confiabilidade, a garantia de que um pesquisador obterá os mesmos resultados caso siga os procedimentos (Yin, 2010), foi buscada através do protocolo formal, na tentativa de “tornar as etapas do processo as mais operacionais possíveis” (Yin, 2010, p. 8).

4 RESULTADOS OBTIDOS

É importante notar que a estrutura social das igrejas se demonstra densa e proporciona aos pastores e fieis a combinação de dois atributos distintos e basilares. O primeiro (4.1) é a criação e sustentação, entre eles, de fortes vínculos sociais. Baseados em confiança estabelecida sob coletividade religiosa, instigam intensas relações de auxílio-mútuo, responsáveis pela geração e repartição de recursos, importantes em muitas conjunturas. O segundo (4.2) é a habilidade para suprimirem reivindicações capazes de prejudicar a racionalidade e eficiência das igrejas.

4.1 Auxílio-Mútuo como Base da Estrutura Social

Sabe-se que evangélicos constroem e sustentam estruturas sociais coesas baseadas no auxílio-mútuo (Abelardo; Benedito; Cristiano; Damião; Edmundo; Fernando; Itamar; Jeferson; Kaio; Leonardo; Marcelo; Napoleão; Raimundo; Sebastião; Teodoro; Ulisses; Valdomiro; Wagner; Zulmira). Essa é “uma das características do povo evangélico. Eles se unem (sic)” (Abelardo). “A gente procura ser uma família” (Napoleão). “Todo mundo luta a luta do outro” (Teodoro). “A gente ajuda muito um ao outro” (Leonardo). “O pessoal [é] superunido” (Ulisses). Com efeito, “Jesus criou sua igreja com o intuito de que as pessoas se ajudassem. Que elas formassem uma comunidade” (Jeferson). São “com relações bem firmadas que [a igreja] se mantém, que cresce com estabilidade, com alicerce” (Benedito).

Dois atributos distintos caracterizam tais relacionamentos. O primeiro se associa à dimensão voluntariosa e incondicional (Benedito; Cristiano; Edmundo; Kaio). Evangélicos mobilizam amplo conjunto de recursos para ajudar pessoas. “Muitas vezes, sem perguntar o que tá (sic) acontecendo. Oh! Irmão! Tô (sic) precisando da sua ajuda. Quero que ore comigo, mas, não quero falar o que é. Você me ajuda? Ajudo, meu irmão! Quantos dias for (sic) necessário” (Humberto). “Eles fazem o que têm que fazer” (Cristiano). “Eles se unem e ajudam” (Kaio). “Muitos preferem [até] abençoar do que (sic) receber. Ficam mais satisfeitos de ver a pessoa abençoada do que propriamente receber (sic)” (Edmundo). Isso “diverge [...] da realidade que vivemos, aonde a sociedade é isolacionista, individualista. Aonde as pessoas não querem saber umas das outras” (Jeferson).

Já o segundo atributo se relaciona ao público de interesse. Poucas pessoas podem usufruir dos diversos benefícios desta densa rede de solidariedade. Eles se destinam, principalmente, aos “irmãos de fé” (Abelardo; Benedito; Cristiano; Damião; Itamar; Jeferson; Kaio; Leonardo; Raimundo; Sebastião; Teodoro; Wagner).

De fato, “a própria bíblia pede para a gente ajudar os domésticos da fé” (Abelardo). “É um mandamento bíblico” (Benedito). “O foco central é os fieis” (Cristiano). “A prioridade, sempre, são os da casa” (Jeferson). “Temos que ajudar primeiro os membros” (Itamar). Diferentes argumentos sustentam a prática. “A



igreja é voltada para os fiéis. Ela é voltada para os membros” (Sebastião). “Essa é a instrução de Jesus. Jesus tá (sic) falando exatamente isso. [...] Socorra os de casa” (Teodoro). “Você não pode deixar de auxiliar o seu filho para auxiliar os filhos dos outros. Primeiro, você tem que auxiliar o seu filho, para, depois, auxiliar os outros” (Jeferson). “Tem que ser suprida a necessidade do membro que é fiel. [...] Depois, dessas pessoas aí” (Raimundo). Há “solidariedade porque é irmão em Cristo. Professa a mesma fé. Vai morar no mesmo lugar” (Abelardo). Por isso, “a igreja se autoajuda” (Raimundo).

A relação de mútua-assistência ocorre de maneira espontânea, tácita, entre dois grupos de pessoas. O primeiro é entre os próprios fiéis (Abelardo; Benedito; Cristiano; Damião; Edmundo; Fernando; Itamar; Jeferson; Kaio; Leonardo; Marcelo; Raimundo; Sebastião; Teodoro; Ulisses; Valdomiro; Wagner; Zulmira). “Quando um está passando por momento de dificuldade, faz-se uma vaquinha entre eles” (Abelardo). “Os irmãos [...] se preocupam muito uns com os outros” (Jeferson). “Isso é ouro pra nós aqui. Você não passa aperto” (Fernando). “É um (sic) pelos outros [...]. Se uma ovelha [...] necessita de [...] ajuda, aonde que ela vai? Ela vai para a igreja” (Cristiano). Nela, visa suprir qualquer necessidade. “É remédio, é roupa, é sapato, é gás, é comida” (Abelardo).

Cinco necessidades se destacam. São elas:

- I. Cesta básica (Benedito; Damião; Itamar; Jeferson; Kaio; Marcelo; Wagner; Zulmira). “Se precisar, hoje, de fazer cesta básica pra ajudar alguém, eles ajudam” (Kaio). “Se alguém tiver necessidade de alimento, todo mundo ajunta pra” contribuir (Teodoro). “A gente recolhe dinheiro [...] pra todo mês dar cesta básica. [...] Essa ajuda é muito forte. Realmente existe” (Itamar);
- II. Contas de consumo (Edmundo). “Um membro da igreja se acidentou, foi atropelado, quebrou todo. [...] Nós fomos lá, pagamos água, pagamos luz e fizemos compra” (Edmundo);
- III. Tratamento toxicológico (Jeferson). “Nós temos um rapaz que [é] usuário de crack. [...] Nós arrumamos [...] uma clínica, que enviou [ele] pra Brasília. Mas, [ele] fugiu. Nós arrumamos a segunda. Fugiu da segunda. Agora, conversamos com ele. Arranjamos uma terceira clínica” (Jeferson). O custeio é dos “irmãos aqui. [...] Contribuímos mensalmente para as despesas dele” (Jeferson);



- IV. Parto (Itamar). “O plano de saúde da irmã não cobria o parto. [Custou] cinco mil reais. [Falei:] gente, vamos ajudar. Tira dinheiro do bolso” (Itamar);
- V. Médico (Teodoro). “Se precisa de um oculista, aí, um irmão já tem conhecimento com alguém. Vão lá, que eu vou te levar. [...] Toma o dinheiro aqui pra pagar a consulta” (Teodoro);
- VI. Reformar a casa (Abelardo; Sebastião). “Mutirão pra fazer um muro. Mutirão pra colocar cerâmica numa casa. Junta todo mundo, faz uma vaquinha e leva para a pessoa” (Abelardo). “Tem irmão que é eletricista, tem [outro] que precisa de um trabalho pra fazer na casa dele, de eletricidade, não pode pagar. O irmão vai lá e faz” (Sebastião);
- VII. Casamento (Raimundo; Ulisses). Os entrevistados citam experiências pessoais. Em uma, os fiéis falaram: “fiquei sabendo que vocês vão casar. Então, eu vou dar o armário. Aí, outros: vou dar a aliança, vou dar o convite, vou dar a roupa de cama. [...] Você vai vendo que a fé vai produzindo resultado” (Raimundo). “O pastor da igreja viu que eu não era casado. Falou: que (sic) te impede de casar? Eu falei: [...] não tenho condições. Ele falou: então, você pode [se] considerar um homem casado. Ele levantou duas ofertas” (Ulisses).

O segundo grupo é entre pastores e fiéis (Abelardo; Damião; Leonardo; Marcelo; Sebastião). “Eles me ajudam. Eu ajudo eles (sic)” (Leonardo). “Hoje é eu, amanhã é você [...]. Eu conto contigo e você conta comigo. Hoje você tá (sic) por baixo, [...] amanhã eu tô (sic) por cima (sic). A vida é uma roda gigante” (Damião). Dois exemplos evidenciam isto. “Eu mesmo já precisei. Eles se juntaram e abençoaram minha vida. Não é vergonha para um pastor falar isso. [...] Isso não desmerece ninguém. O fato de você precisar de ajuda demonstra que você é humano também” (Abelardo). “Eu procurei um amigo. Deixa eu te falar [...] uma coisa: tem jeito de você tirar um carro pra mim? Eu tava (sic) desempregado. Não tinha salário. Ele tinha. Ele foi lá, fez a ficha, a ficha foi aprovada” (Leonardo).



4.2 Estrutura Social e Solidariedade Descontrolada

Pastores e fieis interagem, quase exclusivamente, com integrantes da mesma igreja (Cristiano; Damião; Edmundo; Fernando; Humberto; Kaio; Marcelo; Napoleão; Osvaldo; Raimundo; Teodoro; Valdomiro). Eles se assemelham às “tribos urbanas, [cujos membros] só se relacionam entre si. [...] Só que isso é [ainda] mais nítido na igreja, porque dura [a] vida toda. [...] É natural você pensar [nela] como [...] uma família biológica” (Humberto). Tal delimitação pelos evangélicos possui diferentes implicações. Quatro delas se sobressaem. A primeira se refere a quase ausência de laços entre evangélicos de diferentes ministérios (Damião; Humberto; Kaio; Marcelo). “Eles não [se] misturam com ninguém. São grupos fechados, privados” (Damião). Um pastor explica o porquê. “Eles acham que você, doutrinariamente, não é igual a eles. Eles são mais santos que você. Têm igrejas que, realmente, não consideram outros evangélicos salvos. Isso é muito sério. Acontece, mesmo” (Humberto).

A segunda implicação é reflexo da primeira e se associa à impossibilidade das demais pessoas, mesmo evangélicas, usufruírem de recursos edificados pela estrutura ministerial (Humberto). Estes se voltam, sobretudo, aos membros das igrejas. “Muitas [...] acham que aquilo é só pra ela. Esse comportamento não mudou. É bem humano. Só pra ela. Só para o meu grupo. Meu grupo é mais importante que os outros. Isso provoca estratificação social” (Humberto). A terceira implicação se associa à carência de parcerias, de vínculos entre instituições evangélicas (Cristiano; Edmundo; Fernando; Napoleão; Osvaldo; Teodoro; Valdomiro). Com efeito, “você vê que igreja evangélica, infelizmente, não se une. Isto é de muito tempo. Isto é de anos. Ela não se une de jeito nenhum” (Fernando). “Cada qual com uma visão bem diferente do que é o reino de Deus” (Teodoro). Como resultado, “nós não somos unidos” (Fernando).

Quatro razões fundamentais ajudam a explicar esta inconexão (Cristiano; Edmundo; Fernando; Napoleão; Osvaldo; Valdomiro). São elas:

- I. Denominações diferentes (Cristiano). “Quando você fala em fazer intercâmbio, de você se aproximar, aí, já há retaliação. [Eles falam:] eu não me misturo. Não me envolvo porque nós temos um costume, um

- dogma. Vocês têm outro. Indiretamente, pode haver influência ou contaminação” (Cristiano);
- II. Divergências doutrinárias (Edmundo). “O problema é o seguinte: a gente é pentecostal. [...] Pentecostal já é chamado de mais doido. Têm muitos que são tradicionais, que rejeitam o pentecostal. Criticam” (Edmundo);
- III. Discordâncias de opiniões (Fernando; Napoleão; Valdomiro). “Existe (sic) vários segmentos. Várias pessoas que têm linhas [diferentes] de pensamentos. [...] A interpretação que eu tomo [da bíblia], outra pessoa pode tomar de maneira diferente” (Napoleão). “Você vai falar alguma coisa, eles falam: eu não concordo. Vai esbarrar naquilo que não concorda” (Fernando). “Talvez o pastor crê da forma dele e eu creio da minha” (Valdomiro). Ele busca na bíblia a justificativa do afastamento. “Quando Paulo andava com Barnabé, todos os dois eram homens de Deus. Mas, teve um momento que os dois [se] separaram, porque tinham pensamentos diferentes” (Valdomiro);
- IV. Maneiras distintas de conduzir o trabalho (Osvaldo). “Cada igreja tem sua forma, o seu jeito. Às vezes, pode ser bem diferente da gente (Raimundo). “Cada pastor tem uma forma de dirigir. Eu fico [...] com a forma [...] que a gente foi orientado, [como] a palavra de Deus nos orienta” (Osvaldo).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, de natureza teórico-empírica, teve como objetivo investigar a dinâmica do acoplamento e desacoplamento sociais. Fez isto ao compreender o desenvolvimento de um tipo particular de empreendedor, o de natureza religiosa, expresso no papel desempenhado pelo pastor neopentecostal, aqui de interesse particular. Evidências de campo sugerem que pastores e fiéis sejam parcialmente desacoplados, isto é, desvinculados de pessoas não imersas em suas igrejas. Com efeito, a coletividade congregacional em que se inserem é responsável por acoplá-los em coesas redes de auxílio-mútuo, ao mesmo tempo em que limita suas fronteiras de sociabilidade e solidariedade. Importantes conclusões de pesquisa advieram daí.



A primeira é a de que o desacoplamento não é total. Dito de outra maneira, pastores e fiéis mantêm relações, ainda que limitadas, com pessoas de fora às suas redes congregacionais. Inserem-se aí parentes e amigos. A segunda é a de que os bens religiosos oferecidos e a intensa solidariedade horizontal dos pastores e fiéis são circunscritos. Voltam-se, fundamentalmente, aos membros das próprias igrejas. Com efeito, diferentes pastores salientam (Abelardo; Benedito; Cristiano; Damião; Itamar; Jeferson; Kaio; Leonardo; Raimundo; Sebastião; Teodoro; Wagner) como a densa rede de solidariedade e sociabilidade, e os diferentes benefícios dela derivados, destinam-se, principalmente, aos “irmãos de fé”, aos frequentadores do mesmo templo. “O foco central é os fiéis” (Cristiano). “A prioridade, sempre, são os da casa” (Jeferson).

A terceira conclusão é a de que pessoas não acopladas sob a mesma coletividade religiosa-congregacional, incluindo familiares e demais indivíduos, evangélicos ou não, demonstram-se impossibilitados de usufruir, de maneira abusiva, de recursos construídos pelas estruturas religiosas. Com efeito, pastores e fiéis se encontram parcialmente desacoplados das demais pessoas. Tal desvinculação, por sua vez, impede solicitações descontroladas, reivindicações sociais e econômicas capazes de inibir a racionalização e/ou eficiência de suas igrejas.

A quarta é a de que o *strictness* das igrejas neopentecostais, manifesto parcialmente em sua influência sobre a coesão das instituições, impede nelas a atuação de *free-riders* internos e externos. Com efeito, a coesão das igrejas delimita as fronteiras de sociabilidade e solidariedade, e evita, através da restrição à coletividade congregacional, os benefícios criados e distribuídos, e a atuação de aproveitadores internos externos às igrejas. Evidências empíricas aqui obtidas suportam a proposição de que a “dimensão comunitária” dos grupos religiosos, das igrejas neopentecostais, em particular, permite distinguir suas fronteiras sociais e econômicas.

Disto resulta a improbabilidade e/ou impossibilidade de pessoas de fora das igrejas, mesmo evangélicas, usufruírem e/ou abusarem de seus recursos (Humberto). “Muitas [igrejas] acham que aquilo é só pra ela. Esse comportamento não mudou. É bem humano. Só pra ela. Só para o meu grupo. Meu grupo é mais importante que os outros. Isso provoca estratificação social” (Humberto). “Se você quiser ajuda”,

exemplifica Humberto, “você vem para a Assembleia. Se você vai para a Quadrangular, o pastor lá te ajuda. Eu não vou te ajudar” (Humberto). Eles falam “desse jeito. [...] Não há diálogo inter-religioso” (Humberto).

A partir do conjunto das reflexões aqui apresentadas, observa-se que as igrejas neopentecostais demonstram serem capazes de conseguirem adequado equilíbrio de sua estrutura social, de seu acoplamento e desacoplamento sociais. Com efeito, elas geram, internamente, solidariedade horizontal, capaz de proporcionar-lhes, de maneira exclusiva e facilitada, benefícios diferenciados, fundamentais para diferentes fins, ao mesmo tempo em que conseguem evitar a solidariedade descontrolada, solapando indivíduos internos e, também, externos às estruturas religiosas, reivindicações excessivas impeditivas da racionalidade de suas congregações. Tal conclusão, por sua vez, amplia reflexões vigentes de Granovetter (2009) sobre as premissas necessárias aos empreendedores obterem adequado ajuste do acoplamento e desacoplamento, projetando luzes para nova compreensão teórica sobre o tema.

Os empreendedores devem combinar dois atributos distintos: etnia e origem geográfica comuns. Evidências empíricas sugerem, complementarmente, que empreendedores que compartilham de mesma coletividade religiosa-congregacional são capazes de combinar esses dois atributos. Essa é uma importante conclusão desta pesquisa.

Nessa linha, o adequado equilíbrio entre acoplamento e desacoplamento é, portanto, passível de ser conquistado por empreendedores de natureza emigrante, tal como sustentado por Granovetter (2009), e ao mesmo tempo tal como demonstrado de maneira inovadora neste trabalho, por empreendedores religiosos. Neste sentido, este estudo refuta a premissa teoria P1, ao passo que se aceita a P2, a de que o apropriado ajuste entre acoplamento e desacoplamento não é obtido apenas por empreendedores emigrantes.

No entanto, há algo mais. Evidências de campo parecem sugerir que exista uma reinterpretação do conceito de Granovetter (2009) sobre acoplamento/desacoplamento. Ao passo que o autor sustenta a necessidade de os indivíduos se deslocarem de seus países para conseguirem adequado equilíbrio do acoplamento/desacoplamento sociais, dados empíricos sustentam a plausibilidade teórica de que os empreendedores religiosos não precisariam, necessariamente,



moverem-se de seus países de origem para isso. Com efeito, eles obtêm apropriado ajuste da estrutura social sem, com isso, realizarem mudanças geográficas. Conseguem isto ao mudarem de religião, desvinculando-se de laços antigos e se inserindo em novas redes, formadas por laços essencialmente religiosos, antepondo-as. Esta é uma contribuição relevante, pois acrescenta ao arcabouço teórico sobre acoplamento e desacoplamento uma interpretação inédita.

Novos estudos deveriam aprofundar no conjunto das reflexões aqui apenas esboçadas. Eles poderiam avançar em reflexões sobre acoplamento e desacoplamento sociais. Assim, sugere-se: i) investigar a dinâmica do acoplamento e desacoplamento sociais em outros setores produtivos, analisando a repercussão de suas variações sobre o desempenho empreendedor; ii) pesquisar fatores para além dos religiosos e étnico-geográficos, capazes de contribuir para o adequado equilíbrio de ambas as dimensões; iii) inquirir como o acoplamento e desacoplamento se associam entre si, analisando como variações de seu equilíbrio influenciam sobre o desempenho organizacional; iv) averiguar, sob metodologia da análise das redes sociais (ARS), a estrutura social egocêntrica dos pastores e a de suas igrejas, investigando, a partir de atributos relacionados à densidade e centralidade de rede, como o arcabouço relacional influencia do desenvolvimento das igrejas; iv) entre outros.

Deste modo, os resultados aqui obtidos funcionam como estímulo para pesquisas mais amplas sobre o fenômeno do empreendedorismo à luz da vertente sobre redes sociais.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo* (1a ed.). Lisboa: Edições 70

Bauer, M. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. Bauer., & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático* (pp. 189-219). Petrópolis: Vozes

Bohannon, P., & Dalton, G. (1962). *Markets in Africa*. Evanston: Northwestern University Press.

Burt, R. S. (2009). The Network Entrepreneur. In R. Swedberg (Ed.), *Entrepreneurship: the social science view* (pp. 281-307). Oxford University Press: New York

Burt, R. S. (2008). Information and structural holes: comment on Reagans and Zuckerman. *Industrial and Corporate Change*, 17(5), 953-969. Disponível em: <<http://icc.oxfordjournals.org/content/17/5/953.short>>. doi: 10.1093/icc/dtn033.

Burt, R. S. (1999). The Social Capital of Opinion Leaders. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 566(1), 37-54. Disponível em: <<http://faculty.chicagobooth.edu/ronald.Burt/research/files/SCOL.pdf>>. doi: 10.1177/000271629956600104.

Burt, R. S. (1992). *Structural holes: the social structure of competition*. Cambridge: Harvard University.

Campos, C. J. G. (2004). Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-614. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. doi: 10.1590/S0034-71672004000500019

Castilla, E. J., Hwang, H., Granovetter, E., & Granovetter, M. (2000). Social Networks in Silicon Valley. In C. M. Lee, W. Miller, M. Hancock, & H. Rowen (Eds.), *The Silicon Valley Edge* (pp. 218-247). Stanford: Stanford Business Books.

Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Vozes.

Ciscon-Evangelista, M. R., & Menandro, P. R. M. (2011). *Trânsito religiosos e construções identitárias: mobilidade social e evangélicos neopentecostais*. *Psico-USF*, 16(2), 193-202. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712011000200008&script=sci_arttext. doi: 10.1590/S1413-82712011000200008.

Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (pp. 184-210). Porto Alegre: Artmed.

Eisenhardt, K. M. (1989). Building theories from case study research. *The Academy of Management Review*, 14(4), 532-550. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/258557>>.



Finke, R. (1997). *The Consequences of Religious Competition: supply-side explanations for religious change*. In L. A. Young (Ed.), *Rational Choice Theory and Religion* (Cap. 3, pp. 45-63). Routledge. Disponível em: <http://books.google.ca/books?id=4dMzunjcz4QC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=true>.

Frigerio, A. (2008). O paradigma da escolha racional: mercado regulado e pluralismo religioso. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, 20(2), 17-39. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12577>>.

Gartner, W. B. (1989). "Who is the entrepreneur?" is the wrong question. *Entrepreneurship theory and practice*. Summer edition, 47- 68.

Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In M. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático* (pp. 64-83). Petrópolis: Vozes

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas

Godoi, C. K., & Mattos, P. L. C. I. (2006). Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In C. K. Godoi, R. Bandeira-de-Mello, & A. Barbosa (Orgs.), *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos* (pp. 301-324). São Paulo: Saraiva.

Godoy, A. S. (1995). A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. *Revista de administração de empresas*, 35(4), 65-71. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n4/a08v35n4.pdf>>.

Gracino Júnior, P. (2008). *Dos interesses weberianos dos sociólogos da religião: um olhar perspectivo sobre as interpretações do pentecostalismo no Brasil*. *Horizonte*, 6(12), 69-92. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/440>>.

Granovetter, M. (2009). The Economic Sociology of Firms and Entrepreneurs. In R. Swedberg (Ed.), *Entrepreneurship: the social science view* (pp. 244-275). Oxford University Press: New York.

Granovetter, M. (2005). The economic sociology of firms and entrepreneurs. In R. Swedberg (Ed.). *New developments in economic sociology* (160–197). Cheltenham: Elgar.

Granovetter, M. (1983). The strength of weak ties: a network theory revisited. *Sociological Theory*, 1, 201-233. Disponível em: <http://www.soc.ucsb.edu/faculty/friedkin/Syllabi/Soc148/Granovetter%201983.pdf>.

Granovetter, M. (1973). The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78(6), 1360-1380. Disponível em: https://sociology.stanford.edu/sites/default/files/publications/the_strength_of_weak_ties_and_exch_w-gans.pdf.

Hervieu-Léger, D. (2008). *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes.

Hirschman, A. O. (1958). *The Strategy of Economic Development*. Connecticut: Yale.

Iannaccone, L. (1994). Why Strict Churches are Strong. *American Journal of Sociology*, 99(5), 1180-1211.

Iannaccone, L. (1995). Voodoo Economics? Reviewing the Rational Choice Approach to Religion. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 34(1), 76-88. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1386524?uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102281772787>.

Iannaccone, L. (1997). Rational Choice: framework for the scientific study of religion. In L. A. Young (Ed.), *Rational Choice Theory and Religion* (Cap. 2, pp. 25-44). Routledge.

Leonard-Barton, D. (1990). A Dual Methodology for Case Studies: Synergistic Use of a Longitudinal Single Site with Replicated Multiple Sites. *Organization Science*, 1(3), 248-266. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/2635005?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21102540739121>.

Li, P. P., Leung, K., Chen, C. C., & Luo J. D. (2012). Indigenous Research on Chinese Management: what and how. *Management and Organization Review*, 8(1), 7–24.



Luo, J. D. (2011). Guanxi Revisited: an exploratory study of familiar ties in a Chinese workplace. *Management and Organization Review*, 7(2), 329–351. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=1879029>>.

Mariano, R. (2013). Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, 3(1), 111-125. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/112>>.

Mariano R. (2008). Usos e limites da teoria da escolha racional da religião. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, 20(2), 41-66. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702008000200003&script=sci_arttext>. doi: 10.1590/S0103-20702008000200003

Martes, A. C. B., & Rodriguez, C. L. (2004). Afiliação religiosa e Empreendedorismo Étnico: o caso dos brasileiros nos Estados unidos. *Revista de Administração Contemporânea*, 8(3), 117-140.

Meyer, C. B. (2001). *A case in case study methodology*. *Field methods*, 13(4), 329-352. Disponível em: <<http://fm.sagepub.com/content/13/4/329.abstract>>. doi: 10.1177/1525822X0101300402

Mozzato, A. R., & Grzybovski, D. (2011). Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da Administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(4), 731-747. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/1537/analise-de-conteudo-como-tecnica-de-analise-de-dados-qualitativos-no-campo-da-administracao--potencial-e-desafios/i/pt-br>

Pacheco, E. T., Ribeiro da Silva, S., & Ribeiro, R. G. (2007). "Eu era do mundo": transformações do autoconceito na conversão pentecostal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(1), 53-62.

Pierucci, A. F. (2011). Religiões no Brasil. In A. Botelho, & L. M. Schwarcz (Orgs.), *Agenda Brasileira: temas de uma sociedade em mudança* (Cap. 41, pp. 470-479). São Paulo: Companhia das Letras.

Pierucci, A. F. (2008). De olho na modernidade religiosa. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, 20(2), 9-16. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/01.pdf>>.

Pierucci, A. F. (2006a). Ciências sociais e religião: a religião como ruptura. In F. Teixeira, & R. Menezes (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas* (Cap. 1, pp. 17-34). Petrópolis: Vozes.

Pierucci, A. F. (2006b). *Religião como solvente* - uma aula. *Novos Estudos – CEBRAP*, 75, 111-127. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200008>. doi: 10.1590/S0101-33002006000200008

Pierucci, A. F. (2005, abril 10). *O retrovisor polonês*. Folha de São Paulo, Caderno Mais. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1004200504.htm>>.

Pierucci, A. F. (2004a). "Bye bye, Brasil" - o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, 18(52), 17-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300003>. doi: 10.1590/S0103-40142004000300003

Pierucci, A. F. (2004b). Secularização e declínio do catolicismo. In B. M. Souza, de. & L. M. S. Martinho (Orgs.). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil* (Cap. 1, pp. 13-21). São Paulo: Paulus.

Pierucci, A. F. (2000). As religiões no Brasil. In J. Gaarder, V. Hellern, & H. Notaker (Eds.). *O Livro das Religiões* (pp. 281-302). São Paulo: Companhia das Letras.

Pierucci, A. F. (1999, dezembro 26). *Fim da união Estado-Igreja ampliou oferta de religiões*. Folha de São Paulo, Caderno Especial. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fe/fe16.htm>>.

Pierucci, A. F. (1996). Liberdade de cultos na sociedade de serviços. In A. F. Pierucci & R. Prandi (Eds.). *A realidade social das religiões no Brasil* (Cap. 12, pp. 275-286). Hucitec: São Paulo.

Pierucci, A. F., & Prandi, R. (1996). *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec.

Pierucci, A. F., & Prandi, R. (1987). *Assim como não era no princípio*. Religião e ruptura na obra de Procópio Camargo. *Novos Estudos – CEBRAP*, (17), 29-35. Disponível em: <http://www.novosestudos.com.br/v1/files/uploads/contents/51/20080623_assim_como_era.pdf>.



Prandi, R. (2008). Converter indivíduos, mudar culturas. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, 20(2), 155-172. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12583>>.

Prandi, R. (1999, dezembro 26). *Religião não é mais herança, mas opção*. Folha de São Paulo, Caderno Especial. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fe/fe06.htm>>.

Prandi, R. (1996). *Religião Paga, Conversão e Serviço*. Novos Estudos – CEBRAP, 45, 65-77. Disponível em: <<http://www.novos estudos.com.br/v1/contents/view/718>>.

Prandi, R. (1991). *A religião e a multiplicação do eu*. Revista USP, 9, 133-144. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25561/27305>>.

Rabuske, I. J., Santos, P. L., dos, Gonçalves, H. A., & Traub, L. (2012). Evangélicos brasileiros: quem são, de onde vieram e no que acreditam? *Revista Brasileira de História das Religiões*, 4(12), 255-267. Disponível em: <http://www.journaldatabase.org/articles/evangelicos_brasileiros_quem_sao_oude.html>.

Ridder, H., Hoon, C., & McCandless, A. (2009). The theoretical contribution of case study research to the field of strategy and management. *Research Methodology in Strategy and Management*, 5, 137-175. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/books.htm?chapterid=1795450>>. doi: 10.1108/S1479-8387(2009)0000005007.

Serafim, M. C., & Andion, C. (2010). Capital espiritual e as relações econômicas: empreendedorismo em organizações religiosas. *Cadernos EBAPE*, 8(3), 564-579. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512010000300012&script=sci_arttext>. doi: 10.1590/S1679-39512010000300012

Serafim, M. C., & Feuerschütte, S. G. (2015). Movido pelo transcendente: a religiosidade como estímulo ao “espírito empreendedor”. *Cadernos Ebape.BR*, 13(1), 165,182. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/9058/41269>>. doi: 10.1590/1679-39519058

Serafim, M. C., Martes, A. C. B., & Rodriguez, C. L. (2012). "Segurando na mão de Deus": organizações religiosas e apoio ao empreendedorismo. *Revista de Administração de Empresas*, 52(2), 217-231. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_s0034-75902012000200008_0.pdf>. doi: 10.1590/S0034-75902012000200008

Soy, S. K. (1997). *The case study as a research method*. Disponível em: <<https://www.ischool.utexas.edu/~ssoy/usesusers/l391d1b.htm>>.

Stark, R. (1999). Micro Foundations of Religion: A Revised Theory. *Sociological Theory*, 17(3), 264-289. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/0735-2751.00080/abstract>>. doi: 10.1111/0735-2751.00080

Stark, R., Iannaccone, L. R., & Finke, R. (1996). Religion, Science, and Rationality. *The American Economic Review*, 86(2), 433-437. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2118165?uid=3737664&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102277811757>>.

Stryjan, Y., & Högskola, S. (2006). The Practice of Social entrepreneurship: theory and the Swedish experience. *Journal of rural cooperation*, 34(2), 195-224.

The coming age for qualitative research: embracing the diversity of qualitative methods. *Academy of Management Journal*, 54(2), p. 233-237, 2011.

Voss, C., Tsiriktsis, N., & Frohlich, M. (2002). Case research in operations management. *International Journal of Operations & Production Management*, 22(2), 195-219. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?articleid=849391>>. doi: 10.1108/01443570210414329

Yin, R. K. (2010). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.